

A PRESENTAÇÃO

A idéia de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro de criar a revista *Orpheu* deve ter surgido bastante cedo, como afirma Robert Bréchon, o autor de *Fernando Pessoa, estranho estrangeiro* (1996), mas parece ter tomado forma pelo outono de 1914. O primeiro nome cogitado para a revista foi “Contemporânea”, em seguida “Lusitânia”, após “Europa”. Talvez o próprio Pessoa tenha proposto o nome “Orpheu”, reportando-nos ao mito grego. Ao som de sua música e do seu cantar, os animais amansavam-se e as copas das árvores curvavam-se em respeito. Era o que queriam os orphistas: eles tinham pretensões grandiosas quanto à sua arte.

É Pessoa quem diz o que quer do Orpheu: “Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço. A nossa época é aquela em que todos os países, mais materialmente do que nunca, e pela primeira vez, intelectualmente, existem todos dentro de cada um, em que a Ásia, a América, a África e a Oceânia são a Europa, e existem todos na Europa. Basta qualquer cais europeu - mesmo aquele cais de Alcântara - para ter ali toda a terra em comprimido. E se chamo a isto europeu, e não americano, por exemplo, é que é a Europa e não a América, *a fons et origo* deste tipo civilizacional, a região civilizada que dá o tipo e a direção a todo o mundo. Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente despersonalizada - acumular dentro de si todas as partes do mundo. Só assim será tipicamente moderna. Que a nossa arte seja uma onde a dolência e o misticismo asiático, o primitivismo africano, o cosmopolitismo das Américas, o exotismo ultra da Oceânia e o maquinismo decadente da Europa se fundam, se cruzem, se interseccionem. E, feita esta fusão espontaneamente, resultará uma arte-todas-as-artes, uma inspiração espontaneamente complexa...” (1915).

Na verdade, o Orphismo tem a intenção de estabelecer não apenas uma contribuição literária, mas, principalmente, proceder a uma forte intervenção na história da cultura de Portugal de seu tempo e de sua posteridade. Ou seja, intervir na história através de uma estética permutacional com a própria contemporaneidade. E, de fato, foi o que fez, como demonstra este número da Revista *Conexão Letras*, mas o demonstra a partir de uma ótica específica: a do olhar dos estudiosos brasileiros sobre os orphistas. Única exceção, talvez, é a participação de um dos maiores professores e intelectuais portugueses da atualidade, o de Arnaldo Campos, da Universidade do Porto, mas que não foge, absolutamente, da proposta. Interessante observar que três nomes - três grandes orphistas - têm tido o foco maior da atenção dos pesquisadores brasileiros: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Eduardo Guimaraens.

Abre este número o artigo “Para me criar...” da Profa. Jane Tutikian, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde analisa a figura e a contribuição de Fernando Pessoa, líder do Movimento Orphista, para a renovação da poesia portuguesa.

A Profa. Maria Lúcia Dal Farra, da Universidade Federal de Sergipe, traz importante contribuição para o estudo das ligações entre a biografia e a obra de Fernando Pessoa, no artigo intitulado “Os interpostos Pessoas na correspondência amorosa com Ophélia”, onde busca destrinçar a maneira como a literatura participa da relação amorosa do poeta com Ophélia Queiroz.

“Pessoa em Orpheu: para uma estética não-aristotélica”, do Prof. Anderson Hakenhoar, doutorando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalha com “O Marinheiro”, como representante de suas ideias sobre arte. Parte da concepção de arte do próprio Pessoa, para seguir os caminhos de suas criações estéticas – a saber, o Paulismo e o Interseccionismo – até a data da publicação do drama “O Marinheiro”.

O Prof. *Eric Beuttenmüller*, da Universidade Piaget, de São Paulo, revela, em “O mito de Eros e Thanatos na obra de Mário de Sá-Carneiro”, tanto na lírica quanto nas narrativas, a importância do mito na interpretação dos textos literários e na construção de uma visão de mundo do autor.

O artigo “A poesia de Sá-Carneiro em diálogo com as artes plásticas surrealistas”, do Prof. Gustavo Henrique Rückert, da Universidade Federal do Pampa, ao colocar em diálogo o poeta com a arte surrealista, sobretudo a arte de Salvador Dalí, desvenda o homem fortemente inserido na contemporaneidade e, a partir deste ponto de vista, sua grande contribuição para a inovação da arte portuguesa.

A Profa. Regina Zilberman, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em seu artigo “Eduardo Guimaraens e os novos”, analisa as variantes do poema “Sob os teus olhos sem lágrimas”, publicado na revista *Fon-Fon!*, e depois em *A divina quimera*, e suas relações com concepções de uma nova poética em ascensão entre 1915 e 1916.

Encerra a sessão de artigos “A revista *Orpheu* e o Brasil”, do Prof. Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto, onde focaliza a revista *Orpheu* como um projeto luso-brasileiro em sua origem, resgata a contribuição brasileira dos poetas Ronald de Carvalho e Eduardo Guimarães e destaca a recepção de Orpheu no Brasil.

Segue-se uma entrevista com a pesquisadora pessoaana Carina Marques Duarte, autora, entre outros de *Do criador de civilização ao eu-abismo*. Nesta entrevista, a pesquisadora fala do contexto de surgimento da revista *Orpheu* à grande contribuição estética do movimento, o Sensacionismo.

Na sessão de resenhas, o doutorando em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, *Adriano Moraes Migliavacca*, apresenta *O banqueiro anarquista*, de Fernando Pessoa, e a mestranda Cristina Arena Forli, *Eros e Psique* – um vitral gnóstico de Almada Negreiros, de Cátia Mourão.

É com satisfação que integramos este número da Revista *Conexão Letras: O Orphismo sob o olhar brasileiro* às comemorações do centenário do grupo criado e liderado por Fernando Pessoa, o grupo que renova o código poético do país de Camões, fazendo da já grande uma grande literatura.

Ana Zandwais
Jane Tutikian
Organizadoras